

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos.
A Teologia das Religiões em foco: um guia para visionários.
São Paulo: Paulinas, 2012.



O livro dos autores Claudio de Oliveira Ribeiro e Daniel Santos Souza, obedecendo ao objetivo inicial de ser um guia para visionários, é um verdadeiro compêndio e um panorama para pesquisadores que se empenham no avanço do diálogo inter-religioso no contexto atual caracterizado pelo pluralismo religioso. Os autores tentam não se identificar com as tipologias: exclusivista e inclusivista, como a do pluralismo, por serem formulações que geralmente são difíceis de serem identificadas e acima de tudo estão

sempre em processo de reconstrução. No entanto, eles afirmam que: “A perspectiva pluralista que advogamos, possui como característica básica a noção de que cada Religião tem a sua proposta salvífica e de fé que devem ser aceitas, respeitadas por meio de um diálogo e uma aproximação mútua. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada no confronto dialógico e criativo com as demais expressões de fé”(p. 25) e metodologicamente fizeram uma apresentação em cinco blocos levando em consideração a especificidade dos autores escolhidos em relação à meta determinada que já salientamos.

Como eles mesmos afirmam: não se trata de um resumo ou resenha dos autores escolhidos, mas um comentário de conteúdos de suas obras. Pois, antes mesmo de apresentarem os autores, numa parte histórica, eles fazem uma apresentação do teólogo como uma contextualização dos seus pensamentos.

Cada bloco de autores adquire um título formulado de acordo com o conteúdo dos seus pensamentos em relação à teologia das Religiões. Em efeito, o primeiro bloco é intitulado “Abrindo horizontes”, ressaltando os pensamentos de:

1. Julio de Santa Ana, cujo pensamento destaca que para a paz é importante a manifestação pública das Religiões e no diálogo inter-religioso é necessário insistir sobre as dificuldades e as promessas. Ele mostra que nos últimos anos, a presença das religiões sempre foi significativa e relevante nos acontecimentos sociais e estiveram bem relacionadas com os aspectos da vida.
2. Hans Kung trabalha a importância do valor humano e da ética social na aproximação das religiões. A sua reflexão pode ser apresentada na hipótese de que “não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões” (p.37). Entendemos então, que o diálogo e a concórdia entre as religiões é condição para promover paz entre as nações. O diálogo então seria o paradigma teológico.
3. Jürgen Moltmann que, a partir da visão cristã trinitária, dá a sua contribuição no desenvolvimento das visões teológicas da esperança e da teologia da cruz. Recordamos que os seus pensamentos são contextuais da situação sociopolítica dos anos 1960 e foram como respostas às crises presenciadas no cotidiano da sociedade, mas ainda são atuais. Suas contribuições dão abertura à lógica plural que leva em conta tanto as experiências pessoais como as comunitárias e aponta que a autoconsciência é condição indispensável para levar o diálogo adiante.
4. Xabier Pikaza Ibarrondo apresenta a missão religiosa monoteísta em dois polos: de um lado, na sua vivência de fé em comunhão universal e do outro lado em comunicação humana. O livro *Violência e diálogo das Religiões: um projeto de paz* (São Paulo: Paulinas, 2008) propõe um cataliso com a meta de despertar a consciência adormecida nos homens e mulheres, segundo as palavras do autor; na promoção de uma cultura de tolerância e de não violência.
5. Paul Knitter é reconhecido por ter apresentado na teologia das religiões as categorias de “substituição”, “complementação”, “mutualidade” e “aceitação”. Criticando as perspectivas: exclusivista e inclusivista, ele expõe claramente a sua posição pluralista através de sua obra *No Other Name? A critical survey*

of chritian attitudes toward the world religions". Destacando o valor e a aceitação das diferenças, ele insiste sobre o respeito da diversidade no cultivo da tolerância e no reconhecimento da identidade distinta do outro.

6. Claude Geffré destaca o pluralismo religioso como paradigma teológico. O ponto de partida dele é o questionamento do pluralismo religioso e seu significado no plano salvífico de Deus. A visão de Geffré faz com que ele interprete "terra habitada" como a "casa comum", com distintas tradições religiosas e formas de espiritualidade. Tais considerações têm como consequência a transformação dos interlocutores que ele mesmo chama de uma "viração", que é a reinterpretação de suas tradições.
7. Andrés Torres Queiruga, o último deste bloco, no seu livro *Auto-compreensão cristã: diálogo das Religiões* (São Paulo, Paulinas, 2007) nos mostra que a verdadeira identidade é forjada no diálogo. Em suas reflexões, ele interpreta a Revelação cristã sempre no encontro com as demais religiões e culturas, além de considerar os aspectos conjunturais do atual contexto mundializado. Para ele a resposta do humano ao amor de Deus deve manifestar-se na busca de todas as religiões pela comunhão.

Parte 2: O desafio da questão cristológica

Podemos apresentar o segundo bloco como um conjunto, pois, os autores escolhidos: Mario França de Miranda, Roger Haight, Jacques Dupuis e John Hick, trabalhando na linha da teologia das Religiões, buscam critérios de discernimento capazes de desvendar os desafios atuais da cristologia diante do contexto plural. Respectivamente, Mario França Miranda vem trabalhando o pluralismo normativo como paradigma teológico.

Em seguida, Roger Haight procura repensar a fé, a Revelação e o papel das Escrituras na Igreja e na Teologia. Ele tenta desenvolver essas ideias em sua obra "Dinâmica da Teologia" (São Paulo: Paulinas, 2004). Ao tratar Jesus como normativo da verdade religiosa no tocante a Deus, o autor reafirma o que Paul Knitter já sustentou "Jesus é verdadeiro, mas não o único portador da salvação". Essa relatividade é uma provocação ao cristão de repensar a sua fé em Jesus. Tudo para dizer que a normatividade de Jesus não exclui o pluralismo religioso.

Depois, temos as ideias revolucionárias de Jacques Dupuis. Ele apresenta um cristocentrismo teocêntrico no contexto plural. Dupuis é reconhecimento por ter construído uma teologia que navega entre as posições clássicas da teologia cristã das religiões. Ele não se identifica com os modelos exclusivista, inclusivista, e nem com o pluralismo; e por isso cria o modelo do pluralismo inclusivo (cristocentrismo teocêntrico). Ele vela por uma teologia que nos mostra o rosto misericordioso de Deus, sempre a caminho e sempre aberto.

Enfim, neste bloco nos é apresentado à pessoa de John Hick e suas reflexões teológicas na hipótese pluralista. No pluralista, ele compreende o Real como centro do sistema solar religioso (não a pessoa de Jesus e nem a Igreja) e este plural religioso é um meio pelo qual o Real apresenta-se e mostra-se.

Parte 3: Diálogo e missão

Na terceira parte da obra, trabalha-se a questão do diálogo e da missão, além das críticas de José Comblin ao usar expressões como “missionários dominadores”. Com ele, nos é apresentado os pensamentos de Wesley Ariarajah, de Christine Lienemann-Perrin e de Inderjit Bhogal.

Comblin é reconhecido por seu posicionamento pastoral e suas produções teológicas que revelam seu grande conhecimento nas áreas da Bíblia, história da Igreja, teologia sistemática, pastoral urbana e rural, fé e política, religião e cultura, estudos sociais e missão e tantos outros. Em suas reflexões, é fácil identificar as suas preocupações com a questão da exclusão, que é uma marca forte na realidade latino-americana.

Já a proposta de Wesley Ariarajah e de Christine Lienemann-Perrin é repensar a missão diante do pluralismo religioso. Com uma visão mais ampla do sincretismo, Wesley tem nos mostrado que o diálogo leva necessariamente ao sincretismo entre as religiões, e estando cientes da nossa identidade podemos reformular a nossa fé e repensá-la neste novo contexto. Enquanto, a teóloga Christine ressalta a responsabilidade política das Igrejas no ecumenismo e também na teologia feminista. Para ela, a reflexão sobre a missão no contexto do pluralismo religioso deve enfrentar este questionamento: no mundo atual, como partilhar a fé?

Por fim, nos são apresentadas as reflexões de Inderjit S. Bhogal sobre o pluralismo e o cotidiano. Para ele, o cotidiano tem um valor muito importante como expressão e oportunidade no pluralismo. Ele desenvolve uma teologia a partir das suas próprias experiências religiosas, tanto no Sikhismo como no Cristianismo: “Dentro do Sikhismo eu conheci Deus como Pai e Mãe, amigo e companheiro”.

Parte 4: Interpelações fundamentais

Falam-se de interpelações, pois, põem em evidencia contextos específicos. Para melhor apresentar esses contextos, essa parte da obra nos expõe os frutos de reflexões de teólogos como Diego Irarrazaval na realidade indígena Latino-Americana. Este autor é reconhecido por ter descoberto um povo que sabe celebrar a vida e que é capaz de aceitar as pessoas distintas com suas virtudes e limitações. Ele desenvolve uma cristologia ao desvendar a jovialidade de Jesus de Nazaré, aspecto esquecido pela teologia.

Em seguida, temos as reflexões do padre Toninho sobre a teologia Negra. Como teologia em contexto, é claro que desenvolvendo uma teologia Negra leva o padre Toninho a insistir sobre a dimensão da libertação, crucial para os povos negros, considerando o passado de opressão que sofre essa categoria no nosso Continente. Ele nos mostra a contribuição da teologia Negra da Libertação para o debate do pluralismo religioso destacando as diversas formas de sua manifestação, tanto no candomblé no Brasil, na Santeria em Cuba, como no Vodou do Haiti.

Já a teóloga Luiza Tomita reflete a perspectiva feminista do diálogo inter-religioso na busca de elementos libertadores tanto pela mulher como pelos grupos excluídos e marginalizados da sociedade. Ela é quem questiona o monoteísmo por ter acabado com a dimensão bissexual da divindade e conseqüentemente afeta a mulher em sua natureza divina.

Depois, o teólogo Afonso Soares destaca o valor teológico do sincretismo religioso no contexto plural. Sem relativismo, Afonso destaca como a teologia Latino- Americana da Libertação pode nos ajudar a pensar formas eclesiais que respondem de maneira profética aos sinais dos tempos. Sua visão é dar possibilidade à noção de sincretismo, pois para ele, fé sincrética significa fé inculturada.

Por fim, nos é apresentado os pensamentos de Aloysius Pieris refletindo o Magistério dos pobres e o diálogo inter-religioso e do teólogo Raimon Panikkar na sua crítica ao formalismo teológico. Com Aloysius, temos a construção de uma teologia do pluralismo religioso articulada entre o compromisso da singularidade e aquele que é singular a Jesus Cristo, e o compromisso ao que é a confirmação de uma espiritualidade comum. Enquanto Raimon afirma que o discurso sobre Deus é existencial, não relativo à Igreja, religião ou crença. Ele acentua muito sobre o testemunho, pois a fé é fé somente quando se vive, assim como canção é canção quando se canta.

Parte 5: Por uma espiritualidade ecumênica

No quinto e último bloco, os autores dessa obra expõem teólogos que refletem sobre a espiritualidade ecumênica. Primeiramente, nos são apresentadas as contribuições de Michael Amaladoss no seu apelo pastoral ao diálogo. Um dos temas matriz dele é a luta pelo respeito dos direitos humanos. Para ele, a missão consiste em anunciar o Evangelho que se encarna em determinada cultura, pois o diálogo inter-religioso não precisa ser restringido entre expertos das religiões, mas pode ser também realidade popular.

Em seguida temos Maria Clara Bingemer que insiste sobre a importância da mística e da alteridade. Ela se dedica na questão “se a secularização é inimiga ou a amiga da fé?”. Para ela, a valorização da pluralidade religiosa, a recuperação do sentido espiritual da gratuidade religiosa e tantos outros temas, devem ser tratados na reflexão teológica hoje. O pluralismo está presente na própria história do Cristianismo.

Foram destacadas também as reflexões de Faustino Teixeira e de José Maria Vigil, que tratam o tema da espiritualidade ecumênica e o diálogo inter-religioso. Teixeira trabalha muito a importância da gratuidade, do desapego e da abertura ao outro como meramente espirituais. Para ele, a prática do diálogo entre as religiões implica partilha de vida, experiência de comunhão e conhecimento mútuo. Enquanto Virgil, nas suas reflexões sobre Religiões e Reino de Deus, vê a opção pelos pobres como lugar privilegiado para o diálogo entre as religiões.

Por último, os pensamentos de Marcelo Barros são expostos nas suas pesquisas por uma teologia Afro-Latíndia da Libertação. Ele destaca como as teologias afrodescendentes já são plurais em suas raízes e convida os que desenvolvem pensamentos em relação a essas teologias; a levar em consideração as culturas negras e a diversidade desses grupos. Em relação à eclesiologia, é importante destacar as formas comunitárias como esses grupos vivem a fé e suas relações com a teologia da libertação.

Concluimos considerando que essa obra é um verdadeiro guia para visionários como o próprio título nos indica. Sua organização em bloco nos dá uma visão global dos aspectos da teologia das Religiões, tantos nos horizontes a serem considerados como nos grandes desafios: a cristologia, as interpelações, o diálogo inter-religioso e a espiritualidade ecumênica. Os teólogos foram escolhidos em relação a sua linha de pensamento e nos mostra que a teologia das religiões no contexto atual do pluralismo religioso é herdeira de um patrimônio histórico que a interpela a se empenhar para melhor refletir a partir dos sinais dos tempos e ao mesmo tempo propondo pistas que podem ajudar o mundo a caminhar rumo à paz. Mais do que nunca, os povos devem ser respeitados em suas culturas e nenhuma teologia pode considerar-se dona da verdade se queremos verdadeiramente que o diálogo seja a forma de fazer teologia no contexto do pluralismo religioso.

*Jean Anel Joseph**

* Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC/SP.